

**A ESCOLA VISTA POR DENTRO: A CONSTRUÇÃO DA
DEMOCRACIA PLURALISTA DE FORA PARA O INTERIOR DOS
MUROS DA E.E. PROFESSORA “BENEDICTA DE SALLES PIMENTEL
WUTKE”**

**THE SCHOOL SEEN FROM THE INSIDE: BUILDING PLURALIST DEMOCRACY
FROM THE OUTSIDE TO THE INSIDE OF THE WALLS OF THE "BENEDICTA DE
SALLES PIMENTEL WUTKE" STATE SCHOOL**

**LA ESCUELA VISTA DESDE ADENTRO: CONSTRUYENDO LA DEMOCRACIA
PLURALISTA DESDE AFUERA HACIA ADENTRO DE LOS MUROS DEL
COLEGIO PÚBLICO “BENEDICTA DE SALLES PIMENTEL WUTKE”**

Jonas Rafael dos Santos¹, Diogo da Silva Roiz²

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4617

Recibido: 15/01/2026 | Aceptado: 09/02/2026 | Publicación en línea: 16/02/2026.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o processo de constituição de uma democracia pluralista na Escola Estadual Prof.^a “Benedicta de Salles Pimentel Wutke”, localizada na Zona Sul do município de Campinas, interior de São Paulo. A Zona Sul é apontada pelo Mapa da Violência de 2019 como a área de maior incidência de homicídios do município. A ocupação do entorno da unidade educacional ocorreu, de fato, a partir do final da década de 1960, em razão da internacionalização do Aeroporto de Viracopos e do processo de industrialização implementado no município, por meio da criação do Distrito Industrial de Campinas. Procura-se analisar os protagonismos do Sr. Luiz Celestino da Silva, no final da década de 1970 e início de 1980, e de Filipe Marchesi, nos anos 2015-2023. Os conceitos de ressentimento (KEHL, 2018), desentendimento (RANCIÈRE, 2020) e pluralismo democrático (MOUFFE, 2003) são as bases da interpretação desenvolvida a seguir. Utilizam-se para a pesquisa: artigos de jornais, atas da Associação de Moradores do Bairro Nova América, atas do Conselho de Escola e vídeos do YouTube, Instagram e do Facebook.

Palavras-chave: Democracia. Pluralismo. Ressentimento. Desentendimento. Escola.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the process of constitution of a pluralist democracy at the State School Prof.^a “Benedicta de Salles Pimentel Wutke”, located in the South Zone of the municipality of Campinas, in the interior of São Paulo. The South Zone is pointed out by the 2019 Map of Violence as the area with the highest incidence of homicides in the municipality.

¹ Doutor em História, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, São Paulo, Brasil.

E-mail: Jonas.rafael@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9371-6419>

² Doutor em História, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: diogoser@uems.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8952-7826>

The occupation of the surroundings of the educational unit occurred, in fact, from the end of the 1960s, due to the internationalization of Viracopos Airport and the industrialization process implemented in the municipality, through the creation of the Industrial District of Campinas. It seeks to analyze the leading roles of Mr. Luiz Celestino da Silva, in the late 1970s and early 1980s, and of Filipe Marchesi, in the years 2015-2023. The concepts of resentment (KEHL, 2018), disagreement (RANCIÈRE, 2020), and democratic pluralism (MOUFFE, 2003) are the bases of the interpretation developed below. Newspaper articles, minutes of the Nova América Neighborhood Association, minutes of the School Council, and videos from YouTube and Facebook are used for the research.

Keywords: Democracy. Pluralism. Resentment. Disagreement. School.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el proceso de consolidación de una democracia pluralista en la Escuela Estatal "Benedicta de Salles Pimentel Wutke", ubicada en la zona sur del municipio de Campinas, en el interior de São Paulo. Según el mapa de violencia de 2019, la zona sur es considerada la zona con mayor incidencia de homicidios en el municipio. La ocupación del área circundante a la unidad educativa se produjo a finales de la década de 1960, debido a la internacionalización del Aeropuerto de Viracopos y al proceso de industrialización implementado en el municipio con la creación del Distrito Industrial de Campinas. El artículo busca analizar el liderazgo de Luiz Celestino da Silva a finales de la década de 1970 y principios de la de 1980, y de Filipe Marchesi entre 2015 y 2023. Los conceptos de resentimiento (Kehl, 2018), desacuerdo (Ranciere, 2020) y pluralismo democrático (Chantall Mouffe, 2003) fundamentan la interpretación que se presenta a continuación. La investigación utiliza artículos periodísticos, actas de la asociación de vecinos de Nova América, actas del consejo escolar y vídeos de YouTube y Facebook.

Palabras clave: Democracia. Pluralismo. Resentimiento. Desacuerdo. Escuela.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A análise da trajetória da constituição da E.E. Prof.^a “Benedicta de Salles Pimentel Wutke” possibilita compreender o processo dialético de construção e desconstrução em que o espaço escolar e seu entorno têm se mostrado como palcos. Inicialmente, abordam-se as origens da unidade escolar a partir da liderança de Luiz Celestino da Silva, no processo de construção do prédio (quatro salas) entre o final da década de 70 e início de 80 do século passado.

Sob a liderança de Celestino, a escola e a comunidade construíram-se mutuamente, a

partir da organização do conhecimento forjado no “chão das fábricas” do DIC (Distrito Industrial de Campinas) e no Aeroporto Internacional de Campinas (ROIZ; SANTOS, 2023), que gerou a transformação da comunidade em suas diferentes dimensões, seja na mobilização para construir a escola, seja na reivindicação por infraestrutura, como saneamento básico, energia elétrica e asfalto.

Em um segundo momento, aborda-se a mobilização da população em torno da retomada da reforma/ampliação da escola, que se tornou um ponto de inflexão no processo de consolidação do legado deixado por Celestino, a partir da eleição do ex-aluno da escola e líder da mobilização, Filipe Marchesi, para a Câmara de Vereadores de Campinas, tornando-se o vereador mais jovem da legislatura (2017–2020). Por fim, conclui-se o artigo por meio da análise das atas do conselho da escola, com o objetivo de compreender o processo de construção de uma democracia pluralista.

RESSENTIMENTO, DESENTENDIMENTO E PLURALISMO DEMOCRÁTICO

Os conceitos de Ressentimento, Desentendimento e Pluralismo Democrático são fundamentais na reflexão do processo que permite a construção de uma democracia radical na esteira de uma das instituições mais importantes da sociedade: a escola.

A escola, nesta contemporaneidade, tem se apresentado como o *locus* de especulações que passam do senso comum para a academia como um talismã que resolveria todas as contradições da sociedade. A escola torna-se, para ambas as esferas, a solução de todos os males que emergiram do mundo moderno. A instituição escolar surge após a Revolução Francesa como direito do cidadão, como estratégia de construção de uma nação forte e pujante. Neste aspecto, o ressentimento como uma constelação de afetos, que surge neste contexto, é fundamental para compreendermos os conflitos inerentes à sociedade moderna, por meio das exigências e das configurações do imaginário de um individualismo exacerbado (KEHL, 2020, p. 09) que se tornou a lógica de sustentação do capitalismo, desde a fase que se convencionou denominar acumulação primitiva do capital até a fase atual, caracterizada pelo capitalismo de vigilância, pelo neoliberalismo e pela super indústria do imaginário.

É nesta sociedade contemporânea marcada pelo hedonismo, pelo cansaço, pela transparência e pelo paliativo, que os indivíduos ressentidos afloram devido às promessas simbólicas de igualdade social que não se realizam. Segundo Maria Rita Kehl, o ressentimento é

uma constelação de afetos malignos que impede o agredido de reagir ao agressor. O ressentido responsabiliza o outro pelo seu fracasso. Por outro lado, o ressentido não é capaz de esquecer ou vencer a agressão. Neste sentido, Kehl observa que o ressentido busca proteção, estabelecendo um laço de dependência infantil em relação ao outro como uma forma de sentir-se seguro, mesmo que isso o obrigue a declinar da sua liberdade.

O ressentimento é um tema que, além do ponto de vista psicanalítico, também tem sua importância em uma perspectiva política. Kehl, ao buscar abordar o ressentimento sob uma ótica política, ampara-se no filósofo Giorgio Agamben e na filósofa Hannah Arendt. Segundo Kehl, o homem, mesmo diante de um Estado de Exceção — que suspende todos os seus direitos constitucionais e onde sua condição humana é substituída por uma "vida nua" —, torna-se ressentido não pela sua situação de derrotado, mas sim pela sua rendição voluntária.

O ressentimento não pode ser atribuído ao sujeito que foi derrotado e aprisionado ou exilado, ou seja, silenciado por um golpe militar como ocorreu no Brasil, ou pela imposição dos regimes totalitários na Europa, África e América Latina. Segundo Kehl, a vida nua pura e simples não resulta em ressentimento, mas sim em abatimento e resignação. Dessa monta: “É preciso que exista um pressuposto simbólico de igualdade entre opressor e oprimido, entre rico e pobre, poderoso e despossuído, para que os que se sentem inferiorizados se ressentam” (KEHL, 2020, p. 14).

A escravidão, os campos de concentração ou as condições de extrema miséria não produzem o ressentimento, mas sim as promessas das democracias liberais, que prometem a condição de igualdade social que não se realiza. Neste aspecto, a dominação paternalista que tem vigorado na sociedade brasileira é fundamental para a manutenção de uma sociedade ressentida. Apesar dos momentos de transformações que ocorreram na sociedade brasileira — seja diante do fim da escravidão, da Proclamação da República, da Revolução de 1930, das Diretas Já —, continuamos a reproduzir uma sociedade ressentida devido às práticas paternalistas que permeiam a sociedade brasileira, por meio da demonização do Estado e do fetiche do mercado como a solução de todos os males produzidos ao longo da nossa história.

Diante do conceito de ressentimento sistematizado por Maria Rita Kehl, torna-se inevitável refletirmos sobre o conceito de desentendimento (democracia radical) elaborado por Jacques Rancière. Segundo Rancière, a democracia tem como pressuposto a igualdade. Neste aspecto, democracia não é uma instituição, mas uma prática do exercício de um poder, na qual os indivíduos destituídos do poder, ou seja, "quem não faz parte da parte", age em busca da

igualdade por meio do dissenso em relação à ordem constituída. Desta monta, a democracia não está alicerçada na concepção da ideia de que um grupo de pessoas é superior a outros, de sorte que o qualifique para exercer o poder sobre os demais. A democracia para Rancière não pode ser circunscrita a um sistema de poder, a uma instituição de poder, mas à prática, à ação coletiva que possibilita a construção da existência de um povo em seu sentido pleno, com nome e fala. A democracia compreende um processo que leva à construção de iguais, e não à gestão de uma população pelo governo por meio de uma encenação que se concretiza no que se convencionou chamar de democracia representativa, por ocasião da Revolução Americana de 1776 e da Revolução Francesa de 1789.

A política para Rancière não é o exercício do poder ou a luta pelo poder, mas quando “a parte dos que não têm parte” provoca uma ruptura na lógica de dominação oligárquica enraizada sob a máxima da democracia representativa que figura – especialmente após a queda do nazifascismo (1945) e da URSS (1991) – como o único caminho possível, nas palavras de Fukuyama (1992): como o fim da História.

A democracia representativa fundamenta-se em um Estado que tem como princípio a legitimação dos privilégios de uma elite que teme o “governo da multidão” e a gestão da população, ou seja, teme a construção de uma sociedade de iguais. Neste sentido, a democracia é um conjunto de práticas que estabelece uma espécie de vida pública determinada por meio do dissenso provocado pelos que não fazem parte da parte, em busca da igualdade. O desentendimento é evidenciado quando o que não faz parte da parte (o sem nome e fala) passa a ser ouvido como discurso e não mais como ruído.

A belga Chantal Mouffe corrobora as ideias de Rancière à medida que defende que a democracia liberal não é capaz de trazer respostas às demandas que se apresentam diante do processo de globalização. Segundo Mouffe, o sistema de representação moderno é caracterizado por duas perspectivas principais: a democracia agregativa e a democracia deliberativa (MOUFFE, 2003).

Segundo Mouffe, a democracia liberal tem como princípio norteador o consenso, a harmonia, ou seja, a tirania da maioria. Na esteira de Habermas, Mouffe defende uma concepção de democracia fundamentada no debate, por meio da esfera pública, mas caracterizado pelas divergências e conflitos, em busca de possibilidades que tragam alternativas concretas e legítimas para o bem comum da coletividade. Neste aspecto, o conflito é princípio norteador da democracia, ou seja, o pluralismo, que segue na esteira do conceito de desentendimento de

Rancière.

Na democracia agregativa, a representação tem como objetivo a escolha de líderes que a sociedade necessita para manter a ordem por meio da burocracia. Por outro lado, a democracia também pode ser reduzida à escolha de lideranças por meio de disputas partidárias nos pleitos eleitorais visando a legitimação do poder de determinado grupo, em contraposição ao bem comum.

Por sua vez, a democracia deliberativa pressupõe que os indivíduos livres e iguais deliberam entre si com o objetivo de construir um consenso e legitimação por meio do princípio de uma racionalidade que impera na sociedade. Chantal Mouffe não identifica a divergência e o antagonismo na democracia deliberativa, e aponta a impossibilidade da sua extinção em face dessa sociedade atual pluralista. A globalização trouxe o pluralismo como um valor inerente à nossa sociedade. A democracia deliberativa invisibiliza a heterogeneidade e o pluralismo da sociedade, ao contrário do modelo de “pluralismo agonístico”, uma vez que:

“Contrariamente ao modelo de 'democracia deliberativa', o modelo de 'pluralismo agonístico' que estou defendendo assevera que a tarefa primária da política democrática não é eliminar as paixões nem relegá-las à esfera privada para tornar possível o consenso racional, mas para mobilizar aquelas paixões em direção à promoção do desígnio democrático. Longe de pôr em perigo a democracia, a confrontação agonística é sua condição de existência” (MOUFFE, 2003, p. 16).

As perspectivas teóricas tradicionais de democracia enfatizam que o espaço do político tem como princípio norteador as instituições. Todavia, para Mouffe, que corrobora Rancière, todas as relações sociais podem se tornar o *locus* do conflito, ou seja, da política, enfim, da democracia de fato. Segundo Bohman, a democracia deliberativa tem como princípio norteador compreender “como as instituições públicas podem tornar-se mais democráticas através da qualidade do método e condição do debate, da discussão e da persuasão, enfim através da deliberação pública” (BOHMAN, 1996, p. 12).

Em razão disto, é necessário ressaltar que, apesar de os teóricos da democracia deliberativa defenderem o debate, a discussão e a persuasão, não valorizam os antagonismos/agonismos, mas sim o consenso. Neste sentido, Mouffe (2003) avança ao reconhecer o antagonismo em todas as dimensões do poder e o seu caráter inerradicável. Dessa forma, a questão da política democrática não é como eliminar o poder, mas sim como construir as formas de poder compatíveis com os valores democráticos.

A democracia como sistema político na era da globalização tem que abdicar das

concepções tradicionais que não reconhecem a dimensão do poder em todos os espaços e tempos, e principalmente, o caráter sentimental e apaixonado, nas disputas pela constituição de diferentes indivíduos e grupos identitários que extrapolem as questões nacionais e locais para enfrentar as complexidades presentes no mundo globalizado.

Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*, também sinalizava no início dos anos 2000 pela insuficiência do projeto neoliberal diante das contradições que a nova fase do capitalismo tem imposto a todos (SANTOS, 2003). Achille Mbembe é muito assertivo em seu conceito do devir negro, que significa que o substantivo não se refere apenas aos africanos e aos seus descendentes, mas a todos que estão diante de uma situação de precarização (MBEMBE, 2020, p.19-20), que exprime muito bem a concepção dos que não têm nome e fala, apresentada por Rancière. A sociedade nos impõe uma crise de narrativas (HAN, 2023), que enclausura os seres viventes em sua condição de vida nua, que se concretiza no narcisismo, no ressentimento, e na naturalização do ruído dos discursos, que permeiam as enunciações que dominam as redes sociais.

A FORMAÇÃO DE UM ESPAÇO DE LUTAS E RESISTÊNCIAS SOB A LIDERANÇA DE LUIZ CELESTINO

A E.E. Prof.^a “Benedicta de Salles Pimentel Wutke” foi palco de intensas manifestações, no início de 2015, devido ao atraso das obras de ampliação da unidade escolar, iniciadas em agosto de 2013. Tal situação foi noticiada por vários órgãos de imprensa local, estadual e até nacional.

“Um protesto de pais e alunos marcou a volta às aulas na manhã desta segunda-feira (2) em uma escola estadual de Campinas (a 93 quilômetros de São Paulo). O grupo reclama da demora na conclusão das obras de expansão na Escola Estadual Professora Benedicta de Salles Pimentel Wutke, no Jardim Nova América. As obras, que começaram no segundo semestre de 2013, estão paradas há quase quatro meses. Enquanto isso, desde o ano passado, os 1.300 alunos têm aulas em salas improvisadas e com poucos banheiros” (UOL EDUCAÇÃO, 2015).

As manifestações orquestradas pela Sociedade Amigos do Jardim Nova América não são um fato isolado em si, mas fazem parte de um longo processo de luta e resistência que compreende a história da escola e do seu entorno em busca de igualdade e justiça para os seus. Há mais de 45 anos, ou seja, em 4 de abril de 1976, o Sr. Celestino, presidente da Sociedade

Amigos de Bairro, liderava um movimento de luta por melhores condições de vida dos moradores do Jardim Nova América. O Sr. Celestino, como era conhecido, sempre declarava o seu incansável esforço para atender as necessidades dos moradores do Jardim Nova América. No artigo publicado pelo *Jornal de Hoje*, em 16/12/1979, intitulado “Missa com baile não resolve”, lê-se: “Segundo Celestino, os barracões onde funcionam a sede, escola e igreja são de sua propriedade. Além disso, quando alguém adoece, é ele quem o transporta para os hospitais, fazendo também o serviço de enfermagem”. Algo que fica explícito na declaração de Celestino é o fato de o mesmo sempre procurar resolver os problemas dos moradores, ao invés de potencializá-los com o fim de transformá-los em demandas políticas da população, ou seja, mobilizar os moradores como cidadãos de direitos.

Em artigo publicado sexta-feira, 19 de setembro de 1980, pelo jornal *Correio Popular*, com o título “Escola improvisada: professores e comerciante acusam Prefeitura”, “seo” Celestino e os professores são os protagonistas nas reivindicações para a construção da nova escola; a população que seria a grande beneficiária não tem voz na matéria. A questão da centralidade da figura do “seo” Luiz Celestino da Silva nas diversas matérias veiculadas pela imprensa escrita entre as décadas de 70 e 80 do século passado, a respeito da luta pela construção da Escola Estadual no Jardim Nova América, evidencia um processo de exclusão da participação do povo das decisões de fato.

O “seo” Luiz Celestino da Silva é um personagem importantíssimo na constituição da Escola Estadual do Jardim Nova América. O artigo do *Jornal de Hoje* de 22 de outubro de 1980, com o título “Escola é do Estado. Mas ‘seo’ Luiz é quem dá tudo”, ratifica a centralidade do dono do bar Nossa Senhora Auxiliadora, ao esclarecer que a capela construída para a Santa, que dá nome ao seu estabelecimento comercial, foi utilizada para abrigar as crianças que se encontravam assistindo aulas debaixo de uma árvore, após a demolição da escola que se localizava na área posteriormente transformada em Distrito Industrial.

O artigo traz informações interessantes sobre a estrutura e o funcionamento da escola. “O prédio, a luz, a água, a cozinha e os quatro banheiros, o liquidificador e até os pratos de plástico para merenda” pertenciam ao “Seo” Luiz. A prefeitura arcava com os salários da merendeira, que acumulava as funções de zeladora e faxineira, enquanto o Estado mantinha os professores e fornecia a merenda. Os 200 educandos estudavam em dois períodos, ou seja, das 8h às 12h e das 12h30 às 18h30. Além disso, aponta que o recreio tinha 30 minutos. Por outro lado, chama a atenção a correria dos alunos para formar a fila dentro da cozinha e depois jogarem futebol em

um campo improvisado, com traves de madeira, em um terreno sem dono em frente à escola. Nesta matéria é enfatizado que “seo” Luiz conseguiu a promessa da construção do prédio do prefeito Chico Amaral. O artigo é finalizado apontando o esforço de “seo” Luiz para instalação do primeiro grau completo: “Mas esforço para que o bairro tenha sua parte em educação, só do ‘seo’ Luiz mesmo”. Apesar do protagonismo de Luiz Celestino e o ocultamento da participação da comunidade, fica patente no artigo que a população do Jardim Nova América participava quando era acionada com o objetivo de melhorar as condições de permanência dos filhos na escola. Este fato fica patente quando é relatada a compra de talhas para as salas de aula e os talheres: “... em campanha com a comunidade e por rateio com os professores, a escolinha agrupada conseguiu comprar uma talha para cada classe, os talheres e as panelas”.

Ao se dirigir aos moradores do Jardim Nova América por ocasião da inauguração do prédio construído para abrigar a EE do Jardim Nova América, o Chefe do Gabinete do Prefeito Chico Amaral e depois Vereador Geraldo Bassoli, enfatiza que o estabelecimento de ensino era uma conquista das famílias do bairro, porém sublinha que o “Sr. Luiz Celestino da Silva, incansável batalhador do Jardim Nova América junto às autoridades, para que muitas melhorias, como esta da Escola, sejam destinadas ao bairro”. Por outro lado, no *Jornal de Hoje* de Campinas, de 29 de setembro de 1981, Bassoli é apresentado como “o pai da criança”, porque “em 1977 encaminhou o pedido da construção do novo prédio da Escola do Jardim Nova América (região de Viracopos)”.

As declarações do Vereador Bassoli trazem um elemento importante que foi silenciado na maioria das matérias sobre a constituição da escola, ou seja, o protagonismo das famílias. A escola inaugurada em 10 de setembro de 1981 possuía quatro salas, galpão, cozinha, diretoria e sanitários feminino e masculino, perfazendo 410 metros quadrados de construção. Além disso, a obra fazia parte do programa de Administração Municipal em oferecer as melhores condições para o povo campineiro. Ressalta-se que a Escola de Primeiro Grau do Jardim São Cristóvão foi construída seguindo o mesmo padrão, além de ser inaugurada também em 1981. O que chama atenção é que o processo de construção da Escola de Primeiro Grau do Jardim São Cristóvão teve como protagonistas mais de um líder. Não obstante, é possível perceber que enquanto as salas emergenciais do Jardim São Cristóvão funcionaram na sede da Sociedade de Moradores, a do Jardim Nova América era um anexo da residência do “seo” Luiz, além das salas servirem como Capela em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora.

O que chama a atenção é a devoção do “Seo” Luiz, que foi fundamental para decidir

abrigar as crianças que estavam estudando debaixo de uma árvore. Não é possível afirmar com precisão, mas as ações do “Seo” Luiz Celestino da Silva enquadram-se ao movimento de comunidade de base, especialmente, a defesa do pobre e desvalido, pregada pela Teologia da Libertação. Neste sentido, as estratégias de luta centradas na figura de uma pessoa distinguem-se das ações empreendidas no bairro do São Cristóvão, região sudoeste de Campinas, por operários, que priorizavam mais as ações coletivas (ROIZ; SANTOS, 2023).

O fato de Luiz Celestino renunciar ao cargo de Presidente da Sociedade eclesiástica do Jardim Nova América, em 1982, alegando intervenções externas ao bairro, evidencia a participação de outras forças além do seu controle habitual. O convite da Sociedade Amigos do Jardim Nova América para se encontrar com o prefeito Francisco Amaral, o vice-prefeito José Roberto Guimarães Teixeira e o Deputado Estadual Vanderlei Simionato, demonstra uma participação efetiva das autoridades em escutar as demandas do bairro como Água, Escola, Iluminação Pública e um Telefone público. Neste convite é interessante observar que o Nova América é resultado do desenvolvimento que o Distrito Industrial estava trazendo para Campinas. “Pois sendo nosso bairro um reflexo do distrito industrial, não é possível que continue esquecido das autoridades”. O convite aos moradores evidencia que, apesar da centralidade na figura de “seo” Luiz Celestino da Silva, o apoio da gente do bairro o legitimava como um líder político local que tinha acesso e reconhecimento das autoridades. Isto fica patente na matéria do *Jornal de Hoje* de 16 de dezembro de 1979, quando Celestino reclama da falta de apoio de parte dos moradores do Nova América que não queriam se associar à entidade. Além disso, afirma que “se lutarmos todos juntos, nosso bairro vai prosperar e vamos conseguir muitas coisas”.

No jornal *Diário do Povo* de 21 de agosto de 1982, foram divulgados os resultados do pleito eleitoral para ocupar os postos diretivos no Centro Comunitário do Jardim Nova América. O que chama a atenção é a presença de dois membros com o sobrenome Celestino, o que indica que a participação da família do Sr. Luiz era intensa nas esferas públicas do bairro.

Após a inauguração do prédio da EE do Jardim Nova América em 1981, a Sociedade Amigos do bairro, fundada em 04 de abril de 1976, sob a presidência de Luiz Celestino da Silva, solicitou junto ao Prefeito Municipal de Campinas, Francisco Amaral, em 03 de março de 1982, a construção da creche ou parque infantil no Jardim Nova América. Utilizou-se como argumento o fato da condição de trabalhadora das mães que se veem obrigadas a deixar seus filhos com vizinhos ou sozinhos à própria sorte.

Diante do exposto, é impressionante a luta de Luiz Celestino na busca de melhores

condições de vida para os moradores do Jardim Nova América, ratificando a sua atuação de caráter paternalista, favorecida pela transição do Estado Autoritário para um Democrático Liberal. Neste contexto, a performance de Celestino como a figura central no processo de luta pelas melhorias no bairro pode ser caracterizada pela ideia de resignação da população, e não propriamente de ressentimento. A conjuntura política do país dificultava uma ação mais coletiva devido ao autoritarismo que não pressupunha uma possibilidade de igualdade, de justiça, mesmo que não viesse a se realizar. Nas palavras de Maria Rita Kehl, o ressentido é produzido em um contexto em que há promessa de igualdade e justiça que não se concretiza.

PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO LEGADO DEIXADO POR CELESTINO

"Os homens fazem a história, mas em circunstâncias dadas" (MARX, 2021, p. 2). Os apontamentos apresentados por Karl Marx, sobre os sujeitos responsáveis pela construção da história, ajudam a compreender a constituição da Escola de Primeiro Grau do Jardim Nova América, que teve o nome alterado para Escola Estadual Prof.^a “Benedicta de Salles Pimentel Wutke” pelo governador André Franco Montoro, mediante o decreto n.º 20.995, de 16 de junho de 1983.

Neste aspecto, podemos acrescentar que o processo histórico pode ocorrer como derrota ou como vitória. Por meio do cruzamento das trajetórias de Luiz Celestino da Silva e de Filipe Marchesi, podemos desvelar a dialética no processo histórico que permite a construção e desconstrução de espaços de diálogos entre a comunidade e suas lideranças.

As denúncias veiculadas pela imprensa campineira, no final da década de 70 e início da década de 80, a respeito das condições da escola do Jardim Nova América, procuraram ressaltar a centralização do processo de mobilização da população do bairro na persona de Luiz Celestino da Silva. Neste período, os jornais *De Hoje*, *Correio Popular* e *Diário do Povo* noticiaram a saga para a construção da Escola Estadual do Jardim Nova América sob a liderança de Celestino, a partir de uma perspectiva histórica dos grandes homens, ou seja, na busca do herói de um povo, que o auxiliava em sua luta cotidiana no campo da educação, saúde e saneamento básico. A centralização na figura de Celestino, sua ligação exclusiva com a Igreja Católica, a limitação do alcance das notícias veiculadas — devido ao alto índice de analfabetismo da população —, e o processo eleitoral elitista do início da década de 80 não fizeram de Celestino um líder reverenciado pela história do Jardim Nova América e pela população de Campinas de maneira

ampla. Apesar da trajetória de Celestino coincidir com a ascensão dos movimentos sociais e, especialmente, das lideranças sindicais como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em um contexto marcado pelas lutas contra a ditadura e pelo direito ao voto direto.

As lutas de Celestino estavam relacionadas à busca de melhores condições de vida da população que chegava de diferentes regiões do Brasil, atraída pelo sonho do progresso e do desenvolvimento que uma cidade como Campinas apresentava após a década de 50, mas especialmente na década de 1970, devido à criação do Distrito Industrial de Campinas, nas regiões Sul e Sudoeste da cidade (BAENINGER, 2001). O processo de industrialização dessas regiões exigiu um compromisso com a construção de escolas na região pela administração municipal devido às lutas de resistência da população. As datas de inauguração de algumas escolas da região confirmavam o empenho da prefeitura em promover a edificação de prédios, que se tornaram unidades educacionais municipais, como a Escola de Primeiro Grau do Jardim São Cristóvão (ROIZ; SANTOS, 2023), Escola de Primeiro Grau do Jardim São José e da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Nova América, que seguiram a mesma estrutura de prédio que compreendia quatro salas de aula, banheiros feminino e masculino, cozinha. As escolas supracitadas foram inauguradas em 1981 pelo Prefeito Francisco Amaral. Neste aspecto, podemos observar o quanto os processos de lutas foram concomitantes, mas cada uma com a sua especificidade, já que a história é feita pelos homens, mas em circunstâncias dadas.

A trajetória do presidente da Sociedade Amigos do Jardim Nova América e Vereador de Campinas (2017-2024) inicia-se a partir da escola de formação gestão política, que o instigou a participar da vida comunitária desde 2012, como membro do conselho do posto de saúde do Jardim Nova América. Mas sua guinada como líder da comunidade tem como ponto de inflexão os protestos dos pais de alunos da Escola Estadual Prof.^a Benedicta de Salles Pimentel Wutke contra o atraso das obras que se iniciaram em 2013 com a demolição de algumas salas que faziam parte do prédio construído pelo prefeito Francisco Amaral e inaugurado no início da década de 1980. A solução, para suprir as salas interditadas e as demolidas, foi a construção de sete salas na quadra poliesportiva da escola. A ampliação da escola provocou diversos transtornos para os funcionários, a gestão, os professores e, principalmente, os alunos. As obras encontravam-se paradas há quatro meses em fevereiro de 2015, proliferando focos de dengue, além de cupinzeiros no interior das salas. O vandalismo e o roubo da unidade educacional tornaram-se também alvos de preocupação da população.

A falência da empresa responsável pelas obras, a morosidade da sua retomada e a

consequente precarização da estrutura de funcionamento da escola levaram a população a protestar contra os descasos das autoridades perante a situação. Neste aspecto, podemos observar o desentendimento que resultou nas manifestações dos pais contra os descasos do governo, diante de uma obra orçada em mais de 3 milhões de reais, que estava provocando prejuízos irreparáveis ao processo ensino-aprendizagem.

A Sociedade Amigos do Jardim Nova América, sob a liderança do futuro vereador Filipe Marchesi, além da manifestação, organizou um abaixo-assinado dirigido às autoridades pedindo a retomada das obras. A retomada das obras potencializou a candidatura de Filipe Marchesi a vereador para o pleito de 2016.

A mobilização da população do entorno da escola, o apoio de várias Igrejas Evangélicas — potencializado pelo fato de o pai de Marchesi ser um pastor — foram fundamentais para a vitória no pleito. Eleito nas eleições de 2016, Marchesi tornou-se o vereador mais jovem do mandato (2017-2020).

“Nascido em Campinas, em 9 de outubro de 1991, Filipe Batista Marchesi se elegeu para a Legislatura 2021-2024 com 5.605 votos, emendando o segundo mandato seguido como vereador. Casado desde janeiro de 2016 e formado em administração e liderança pública pela Escola de Governo de São Paulo, Marchesi luta há mais de uma década anos por melhorias na cidade. Filho de pastores, desde muito cedo esteve envolvido em causas sociais, principalmente na região do Aeroporto de Viracopos, onde foi criado. Apoia as associações dos bairros - entre elas a associação do Jardim Nova América” (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, [s.d.]).

As ações promovidas no entorno da escola e nos bairros circunvizinhos credenciaram o jovem vereador rumo à reeleição para os mandatos (2021-2024) e (2025-2028). Nos dois mandatos, Filipe Marchesi tem atuado em vários bairros da região Sul e Sudoeste de Campinas, especialmente no Jardim Nova América, berço da atuação política do Vereador. Ao longo dos anos, tem promovido limpeza do córrego localizado no Jardim Irmãos Sigrist e Residencial da Paz, além da implantação do saneamento básico, do asfalto, da construção do posto de saúde do Jardim Nova América, de áreas de lazer, também foi responsável pela instalação de câmera de monitoramento na entrada do bairro.

Filipe Marchesi consolidou sua liderança no Jardim Nova América, além de atender outros bairros de Campinas, acessando por meio de emendas ou verbas de gabinete as melhorias no entorno da Escola Estadual Prof.^a Benedicta de Salles Pimentel Wutke. Diferentemente de Celestino, Marchesi utiliza-se pouco do Jornal Escrito, mas muito das novas formas de comunicação que surgiram em decorrência da globalização, fruto da sociedade da informação e

da vigilância (CASTELLS, 2000; ZUBOFF, 2020), marcada pelo domínio das indústrias do Vale do Silício, que Eugênio Bucci (BUCCI, 2021) convencionou denominar como A Super Indústria do Imaginário (Facebook, Instagram, X). A sociedade da informação é definida por Byung-Chul Han como um período caracterizado pela crise da narração. Neste contexto neoliberal, Filipe Marchesi faz uso de uma narrativa comunitária a partir do diálogo com os cidadãos atingidos pela sua ação política, criando uma comunidade estável, a partir da narração de suas ações cotidianas. Segundo Byung-Chul Han, “A sociedade moderna tardia, que não possui um reservatório suficiente de narrativa comunitária, é instável” (HAN, 2023).

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA DEMOCRACIA PLURALISTA

Após a conclusão das obras de ampliação e de reforma da escola, surgiram manifestações de resistência à própria dinâmica de funcionamento interno da unidade escolar. No dia 19 de janeiro de 2018, iniciou-se o abaixo-assinado intitulado “O descaso da atual administração da E.E. Prof.^a Benedicta de Salles Pimentel Wutke é grande”. O abaixo-assinado *online* teve a adesão de 244 pessoas.

A justificativa do abaixo-assinado ressalta os problemas estruturais provocados pela reforma, mas enfatiza que a grande questão se refere à gestão da escola e ao desrespeito dos funcionários em relação aos pais e alunos, além da situação precária do ensino da escola. Por fim, conclama de forma imperativa a necessidade de luta para que os moradores do Jardim Nova América, Irmãos Sigrist e Residencial da Paz tenham uma educação de qualidade que faça jus à nova estrutura e que os profissionais sejam “servidores públicos” e não proprietários da escola.

“O descaso da atual administração da E.E. Prof. Benedicta Salles Pimentel Wutke é grande, e a indignação da população do Jd Nova América, Irmãos Sigrist e Residencial da Paz é proporcional a tal situação! A população desses bairros já sofreu muito com os embargos da atual reforma, e além dos problemas estruturais, essa instituição de ensino, sofre com uma má administração... administração essa que não promove o acesso a educação e a cultura, que não liga se seus funcionários agem de maneira desrespeitosa com os alunos, e que se contenta com o básico da educação pública brasileira. Lute para que essa escola tenha uma administração que faça jus a nova estrutura, e que os profissionais responsáveis por ela tenham ciência de que são 'servidores públicos', e não donos dela” (CHANGE.ORG, 2018).

Aqui cabe uma ressalva, pois todos os comentários enfatizam que a ampliação da escola visava o melhor atendimento dos alunos do entorno, porém o que se observa é uma abertura para atender alunos de outros bairros mais distantes, ou seja, superlotando salas e até mesmo

provocando um processo estressante para todos os envolvidos. Isto ocorre porque o contato com os responsáveis dos alunos fica mais difícil. A escola transformou-se, em parte, em unidade educacional de corredor.

O descontentamento da comunidade com a direção da escola não é algo novo. Na época de Luiz Celestino da Silva, a relação da população do Jardim Nova América com o diretor era tensa. Conversando com a diretora, que administrou a escola do início dos anos 2000 até a finalização da reforma por volta de 2018, observa-se que, no início da sua gestão, a tensão com a comunidade foi constante. Por outro lado, também foi possível constatar que a diretora utilizou-se de uma estratégia muito interessante para dialogar com os pais de alunos. Ao longo da sua gestão, procurou sempre nomear uma professora moradora do bairro como gestora, seja como coordenadora ou vice-diretora.

Os conflitos são inerentes às relações humanas, mas a estratégia empreendida pela diretora foi bem-sucedida, pois mesmo diante de um contexto marcado pela vulnerabilidade social, conseguiu manter-se à frente da direção por mais de quinze anos. Retirou-se da gestão da escola após a sua aposentadoria. Mesmo diante dos embates, manteve-se como diretora e professora de outra unidade educacional, provavelmente devido à retaguarda que as suas colaboradoras lhe proporcionaram. A mediação das colaboradoras junto à comunidade foi possível devido ao diálogo estabelecido em um processo dialético que resultou em uma democracia de fora para dentro da escola.

Apesar das Atas do Conselho de Escola não registrarem ocorrências graves ao longo dos anos, é possível observar que o mesmo não foi muito ativo do início dos anos 2000 até 2018, período em que uma única diretora esteve à frente da escola. Isto não significa que não tiveram ocorrências graves, mas evidencia que não houve um movimento interno que a pressionasse a acionar o conselho. Atos de vandalismo, indisciplina e violência que ocorreram ao longo da sua gestão passaram ao largo do registro das Atas do Conselho. Com a saída da diretora por volta de 2017, a gestão da escola Benedicta de S. P. Wutke passou por um processo turbulento, mas muito rico em termos de uma construção democrática pluralista. No ano de 2018, a direção da escola foi assumida por uma diretora de forma temporária. Apenas em 2019 a diretora atual assumiu a direção com toda a sua equipe.

O abaixo-assinado citado acima refere-se ao período de gestão da diretora temporária, que foi caracterizado por um processo de tensão interna e externa à unidade educacional, pois o novo sempre provoca apreensão, além do fato de que a diretora era consciente da sua condição

temporária na unidade educacional. Após 2019, a relação da escola com a comunidade continuou tensa devido ao próprio movimento dialético que a ampliação e reforma do prédio trouxeram, mas ao longo dos anos tornaram-se mais dialógicas.

CONCLUSÃO

As denúncias enunciadas a partir do abaixo-assinado intensificaram o desentendimento, que tem proporcionado a construção de uma democracia pluralista. Na perspectiva de Chantal Mouffe, o pluralismo democrático está diretamente relacionado com os embates que surgem a partir de uma relação conflituosa que obrigam os cidadãos a construírem novas relações por meio do processo democrático caracterizado pelas disputas entre os contraditórios.

Houve uma certa indignação com as denúncias que não se fundamentam em dados concretos, mas podemos concluir que o processo, ao ser analisado em toda a sua dinâmica, permite identificar a superação do ressentimento por meio do desentendimento, ou seja, do conflito, do dissenso. O processo de constituição da unidade educacional evidencia a construção de uma democracia pluralista de fora para o interior dos muros da instituição. Devido ao processo de reestruturação da educação efetivada pelo governo estadual nos últimos anos, a escola passará por uma subdivisão interna, passando a funcionar com dois CNPJs. O governo entendeu que a gestão estava com uma sobrecarga que tem dificultado o alcance das metas pré-estabelecidas pela Secretaria de Educação do Estado.

Apesar do processo dialético de disputa que tem marcado a Escola, observa-se que a decisão não teve a participação da comunidade escolar, evidenciando um retrocesso no processo de implantação de uma democracia pluralista, que tem sido um princípio estrutural e estruturante da unidade escolar desde a sua criação. Por outro lado, a decisão em separar a unidade escolar, constituindo duas equipes gestoras, torna-se uma resposta aos anseios levantados pelo abaixo assinado, na medida que possibilitara uma administração eficiente devido ao número reduzido de alunos e professores que cada equipe terá que gerir.

REFERÊNCIAS

CHANGE.ORG. **O descaso da atual administração da E.E. Prof. Benedicta de Salles Pimentel Wutke é grande.** [S.l.], 2018. Disponível em: <https://www.change.org/p/secretaria-de-descaso-da-atual-administra%C3%A7%C3%A3o-da-e-e-prof-benedicta-de-s-p-wutke>. Acesso em: 27 jan. 2026.

BAENINGER, R. **Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista**, 2001. https://www.researchgate.net/profile/Rosana-Baeninger-3/publication/267198747_Regiao_Metropolitana_de_Campinas_expansao_e_consolidacao_do_urbano_paulista/links/54ea559e0cf25ba91c82f464/Regiao-Metropolitana-de-Campinas-expansao-e-consolidacao-do-urbano-paulista.pdf

BOHMAN, J. **Public Deliberation: Pluralism, Complexity and Democracy**. Cambridge, MIT Press., 1996.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, [s.d.]).
https://www.campinas.sp.leg.br/institucional/vereadores/vereador?cod_parlamentar=313&fbclid=IwAR19rL49nm-tFe0B2i-u0I6wK9wM0Lr83o2xJ5pa--_YuhMmihiSow3qdYo Acessado em 08 de fev. 2026.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. In: A Sociedade em rede. São Paulo : Paz e Terra, 2000. v. 1.

FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** - política e filosofia / Jacques Rancière ; tradução de Ângela Leite Lopes. — São Paulo : Ed. 34, 1996. 144 p.

ROIZ, Diogo da Silva ; SANTOS, Jonas Rafael dos Santos. A pedagogia do olhar e da escuta no aprendizado de palavras, imagens e normas: em uma história de lutas e resistências na EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro”. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, V. 13, N. 39, p. 746a 767, ano 2023

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradução: Daniel Guilhermino. Petrópolis: Editora Vozes, 2023. 133 p.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2020. 248p.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. [S.l.: s.n.], 2021. 61 p. Disponível em: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/tme_02.pdf. Acesso em: [inserir data de acesso].

MOUFFE, Chantall. **Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política & Sociedade**, 2003. pp.11-26 <https://mitsp.org/2020/wp-content/uploads/2020/02/mouffe-democracia-cidadania-e-a-questao-do-pluralismo.pdf> Acessado em 08 de setembro de 2026.

OLIVEIRA, Thainá A., et. al. **Mapa da Violência de Campinas - Diagnóstico Socioterritorial**, Fundação Feac, 2019. <https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2019/12/DIAGNOSTICO-socioterritorial-fundacao-feac.pdf> Acessado 11 de Setembro de 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

UOL. **Com escola em obras, 1.300 alunos usam salas improvisadas em Campinas (SP).**

Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/02/02/com-escola-em-obras-1300-alunos-usam-salas-improvisadas-em-campinas>. Acesso em: 08 de fev. 2026.

ZUBOFF , Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder.** tradução George Schlesinger. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.